**ESCOLA, FAMÍLIA E O PROFESSOR/ESTAGIÁRIO: NARRATIVAS DE UMA PARCERIA NO PROCESSO DE INCLUSÃO DE UMA CRIANÇA COM AUTISMO**

Jose Francinilton da Silva

Mestrando em Educação, Universidade do Estado do Rio Grande do Norte-UERN, francinilton05@hotmail.com

**Resumo**

Este artigo[[1]](#footnote-1) é um recorte do trabalho monográfico desenvolvido no Curso de Pedagogia, da Faculdade de Educação - FE, da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte - UERN. Com base nas discussões sobre (auto)biografia, que se referem ao ato de narrar momentos, experiências e vivências que contribuíram para a autoformação, este estudo visa resgatar minhas memórias formativas e experiências como professor/estagiário na Unidade de Educação Infantil. Por meio de narrativas (auto)biográficas trago registros da parceria entre a escola, a família e o professor/estagiário no processo de inclusão de um aluno autista na rede pública de ensino do Município de Mossoró – RN, onde percebe-se a importância da relação dialógica entre os três segmentos acima citados. A realização desta pesquisa nos mostra que é preciso que a família, a escola e o professor/estagiário caminhem lado a lado na luta pela inclusão e desenvolvimentos dos alunos com Transtorno do Espectro Autista.

**Palavras-chave:** Educação especial, família/Escola, Narrativas (Auto)biográficas

**Introdução**

Este estudo tem como tema Inclusão Educacional de Crianças com Autismo, com ênfase na relação família-escola. A opção pelo tema resulta de uma experiência vivenciada em meu processo de formação como pedagogo quando tive a oportunidade de atuar na Rede Municipal de Ensino, mais precisamente, em uma Unidade de Educação Infantil, como “Professor/estagiário”, participando ativamente do processo de inclusão e desenvolvimento de uma criança com autismo.

A experiência como professor/estagiário foi de grande importância para minha formação profissional. Tive a oportunidade de entrar em contato direto com a realidade profissional no qual seria inserido. Pude concretizar pressupostos teóricos adquiridos pela observação de determinadas práticas específicas e do diálogo com profissionais mais experientes. Desenvolver uma formação baseada na prática possibilita a construção autônoma do conhecimento através da vivência. No estágio intervi na realidade profissional que desejo seguir, mantendo um vínculo de aproximação com a realidade educacional, organização e o funcionamento da instituição e da comunidade. Nada melhor que colocar o pé no chão, investigar, analisar, e conhecer a realidade em que irei atuar, futuramente, e o estágio me possibilitou isso, até mesmo de me decidir quanto à minha área de atuação.

Esse artigo tem como objetivo registrar as experiências do meu processo de formação inicial no Curso de Pedagogia da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte – UERN, mais precisamente, no contexto da Educação Inclusiva. Por meio das narrativas (auto)biográficas registrarei a parceria entre a família, a escola e o professor/estagiário no processo de inclusão de um aluno com autismo na Rede Pública de Ensino. Escrever sobre o que se faz e o que se sente nas experiências de formação vivenciadas ao longo da vida, tornou-se uma perspectiva na área de Educação que permite analisar o cotidiano e a prática profissional. No campo da educação, as narrativas autobiográficas constituem um método de construção do conhecimento, que se baseiam na reflexão do fazer pedagógico e a ressignificação da própria ação.

O processo metodológico será a partir de minhas vivências como professor/estagiário, relatando o envolvimento da família no processo educacional inclusivo de uma criança com autismo, bem como as contribuições dessa parceria para que

a inclusão seja efetivada. Foi uma pesquisa qualitativa, através do método (auto) biográfico, a partir do registro da minha experiência, enfocando memórias, investigando e analisando as experiência vividas como professor/estagiário na Unidade de Educação Infantil. Para embasamento teórico, dialogaremos com autores que discutem a temática, tais como: Catani (2006), Santos (2013) como subsídios para fundamentação do estudo. O trabalho consiste em Narrativas de minha experiência como professor/estagiário na Rede Pública de Ensino da cidade de Mossoró-RN.

**Escrita de si: a (auto) biografia como prática de formação**

Escrever sobre o que se faz e o que se sente tornou-se um método de pesquisa para analisar o cotidiano e a prática profissional. No campo da educação, as narrativas autobiográficas constituem um método de construção do conhecimento, que se baseiam na reflexão do fazer pedagógico e a ressignificação da própria ação.

A autobiografia por ter uma proposta reflexiva, permite ao autor uma apreensão das alterações sociais e culturais que por ele foi vivenciada, proporcionando contribuições para a formação e a autonomia. Com base em (CATANI, 2006, p. 16) observamos a afirmativa que “a proposta de escrita de relatos autobiográficos dá aos indivíduos a possibilidade de articular, por meio das narrativas que produzem sobre si, as experiências pelas quais passaram adotando a própria trajetória profissional de sentido”. Essa possibilidade de viajar entre as lembranças possibilita ao autor se reconhecer como sujeito de sua autoformação ao decorrer da sua trajetória, articulando com isso a mediação de suas experiências e uma aprendizagem significativa.

Enfoco a memória autobiográfica como metodologia de formação, na perspectiva do indivíduo que é, ao mesmo tempo, objeto e sujeito da formação, JOSSO (2002, p. 21) aponta a história de vida como método de investigação-formação, e afirma que:

[...] as histórias de vida postas ao serviço de um projeto são necessariamente adaptadas à perspectiva definida pelo projeto no qual elas se inserem, enquanto que as histórias de vida, no verdadeiro sentido do termo, abarcam a globalidade da vida em todos os seus registros, todas as dimensões passadas, presentes e futuras e na sua dinâmica própria.

Esta proposta metodológica da autobiografia propicia ao aluno relembrar todo o processo de construção e formação como autores sociais, essa experiência de análise de recordações que alcançaram referências ao percurso da sua vida e com isso resgatá-la no seu processo de autoformação. O Objetivo geral deste estudo foi fazer uma ligação com o que os autores falam sobre o método (Auto)biográfico, pois pretendo com esse estudo compartilhar minha experiência como professor/estagiário na Rede Pública de ensino na cidade de Mossoró-RN, onde apresento a parceria entre a família e escola no processo de inclusão da criança, onde juntos buscamos estratégias para contribuir positivamente com o desenvolvimento do aluno.

No decorrer da minha formação pedagógica, aprendi que as memórias são instrumentos que nos levam a refletir sobre a nossa caminhada na experiência profissional, que permitem a construção de conhecimento importante para o processo formativo. Escrever sobre si é, portanto, um exercício que promove uma autorreflexão, porque essa escrita permite:

Explicitar a singularidade e, com ela vislumbrar o universal, perceber o caráter processual da formação e da vida, articulando espaços, tempos e as diferentes dimensões de nós mesmos, em busca de uma sabedoria de vida (JOSSO, 2004, p. 9).

O entrelaçamento da autorreflexão às ações realizadas garante a análise de si, e é nesse momento de (re)conhecimento que se encontram alternativas para soluções de eventuais problemas no percurso vivido. De modo mais claro, refletir sobre si é avaliar as próprias ideias, sentimentos, emoções, experiências, decisões, comportamento e vivências.

Fazendo uma ligação com o que a autora diz, narrar a experiência como professor/estagiário me permite refletir minha prática com docente, além de atuar como cuidador dessas crianças, temos que buscar conhecimentos, recursos, planejar junto a professora, a escola e a família para que a aprendizagem da criança seja desenvolvida de forma positiva. Manter uma boa relação com a família facilita muito no processo de conhecer esse aluno, através das narrativas dos pais obtemos muitas informações sobre com é esse aluno, o que ele gosta de fazer e como agir em alguns momentos delicados com essa criança.

Da mesma forma, a ação de escrever sobre o que se viveu, experimentou e fez, é um recurso de pesquisa para analisar o cotidiano e a prática profissional. Nesse sentido, a (auto)biografia torna-se um método de construção do conhecimento que fundamenta a reflexão do fazer pedagógico, dando um novo significado à ação dos sujeitos que optam por ela.

Trabalhar com o método (auto) biográfico me levou a uma viagem nas minhas lembranças como professor/estagiário, fazendo voltar a momentos de grande importância da parceria entre a mim, a família e a escola no processo de inclusão da criança. Contribui para minha formação como pedagogo, pois esse trabalho me proporcionará a oportunidade de refletir a minha pratica fazendo com que eu faça uma autoavaliação, analisando o que foi positivo e negativo ao longo dessa experiência.

**O envolvimento da família e escola no processo de inclusão**

Nesse tópico quero mostrar o quanto é importante a participação da família no processo de inclusão de uma criança autista, buscando junto a escola ferramentas que possibilitam o desenvolvimento e a interação da criança na sala de aula, em parceria vivenciando e partilhando de momentos do cotidiano da criança, para que ambos venham a saber lidar com seu comportamento.

A família é umas das instituições sociais que desempenham uma função inigualável em nossas vidas. Nela nascemos, recebemos amor, carinho, educação e somos incluídos em uma cultura. Nela, também aprendemos princípios de moral e ética que nos guiarão e dirão muito sobre quem somos. Nossos pais, responsáveis por nossa primeira educação, e ainda no seio de nossa família adquirimos um conjunto de conhecimento dos quais serão aprofundados posteriormente.

A escola constitui outra instituição indispensável para nossas vidas. Nela além dos conteúdos curriculares exigidos, trabalhamos todo conhecimento trazido de casa. Na escola adquirimos conhecimentos dos mais variados segmentos, aprendemos a ser seres críticos, aptos a participar ativamente da sociedade.

A relação família x escola é primordial para o desenvolvimento do autista, pois Cunha (2014, p.89) ressalta que,

[...] escola e família precisam ser concordes nas ações e nas intervenções na aprendizagem, principalmente, porque há grande suporte na educação comportamental. Isto significa dizer que a maneira como o autista come, veste-se, banha-se, escova os dentes manuseiam os objetos os demais estímulos que recebe para seu contato social precisam ser consoantes nos dois ambientes.

Visto a importância e as atribuições de cada uma, torna-se necessária a relação efetiva entre escola e família. A escola não caminha sozinha, deve dar espaço e promover meios para inserir a família em seu contexto. A família por sua vez, não deve estar alheia à escola e ao que lá acontece, deve se manter atenta, participando ativamente da vida escolar de seus filhos.

É de suma importância manter uma relação entre ambas, quando se consegue essa relação harmoniosa, amigável, de trocas, todas as partes envolvidas ganham. A escola vai ganhar aliados, caminhando assim, de forma melhor. Os filhos quando recebem atenção dos pais, tanto no acompanhamento em casa e na escola, se desenvolvem mais rápido e de forma satisfatória, pois quando os pais se preocupam com as tarefas de casa, ajudam, trabalham com suas dificuldades, dialoga com a professora no intuito de ajudar seu filho, está contribuindo diretamente para o processo de aprendizagem.

A família é a que melhor conhece a criança porque a acompanhou desde seu nascimento e, dessa maneira, a criança sente-se mais segura estando próxima da sua família. Os pais de crianças com autismo encontram diante de si, um longo caminho de ­­­­­­­­­­­­obstáculos na educação de seus filhos, e a participação deles, neste processo, é o que determinará o avanço educacional destas crianças. A família precisa manter uma boa interação com a escola, pois isto representa um fator positivo para a inclusão escolar dos seus filhos e são os pais que possuem conhecimentos e experiências para ensiná-los.

A minha experiência como professor/estagiário se deu em uma Unidade de Educação Infantil na cidade de Mossoró/RN, onde auxiliava em sala de aula uma criança com autismo. Optei por chama-lo de Nilo[[2]](#footnote-2), um aluno de quatro anos, diagnosticado com o grau leve do Espectro Autista. A principal dificuldade de Nilo era a interação com os colegas em sala, a nossa relação sempre foi muito harmoniosa, existia troca de carinho e apego enorme. Em relação a aprendizagem a criança não mostrava nenhuma dificuldade e adorava fazer as atividades propostas em sala,

A família de Nilo sempre se fez presente no processo de ensino/aprendizagem e em seu processo de inclusão, procurando manter a parceria entre a eles e a escola para que seu filho pudesse participar de todas as atividades ofertadas pela UEI. Como já relatei sempre procurei conversar com a mãe de Nilo para que pudesse conhecê-lo melhor. Era claro a maneira como sua mãe se preocupava com seu desenvolvimento na sala de aula. A todo tempo estava ciente de todos os direitos de seu filho. Em uma de nossas conversas ela me relatou que foi muito difícil descobrir que seu filho era autista, mas que seu papel a partir daquele momento era lutar para que ele tivesse acesso a tudo de maneira igual aos demais. Uma de suas lutas foi buscar na Secretaria Municipal de Educação buscar presença do professor/estagiário dentro de sala de aula, pois ela via a necessidade de seu filho possuir uma atenção especial.

No início, me incomodei um pouco com a pressão da mãe, pois achei que chegou a ser um pouco invasiva, mas com o decorrer do tempo percebi que ela estava apenas preocupada com o desenvolvimento do seu filho, e percebi também o quanto sua participação ativa estava contribuindo com o processo de inclusão da criança. Todos os dias ela procurava saber como foi o seu comportamento em sala de aula, se tinha conseguido desenvolver as tarefas, se estávamos precisando de alguma intervenção para ajudar em sala, todo esse engajamento que só veio a somar como nosso dia a dia na escola.

A preocupação com o desenvolvimento do seu filho era notória. Observei momentos em que foi preciso eu interferir, pois ela cobrava muito por parte da criança. Lembro-me bem em um dia em que ela veio me perguntar se eu achava que seria bom um reforço escolar para Nilo. Nesse momento, eu a chamei em um local reservado, e expliquei que seu filho era muito inteligente, e para sua idade e limitações ele era destaque entre os demais. Por isso, pedi que ela deixasse para exigir mais dele no futuro, quando houvesse realmente a necessidade. Nessa conversa obtive resultados positivos, pois ela começou a entender a esperar o tempo da criança, e como sempre mantivemos essa parceria, nossos diálogos eram bons, abertos à aceitação da opinião de ambas as partes.

Por se tratar de uma família com nível de graduação, já conhecia na prática o direito do seu filho, como também os deveres que a escola tinha que cumprir para receber e garantir a permanência de Nilo na sala. Lembro muito bem de um acontecimento que vem ligar a essa narrativa. Em um determinado dia a diretora me colocou para assumir uma sala de aula durante uma semana, alegando que Nilo não necessitava de um auxiliar direto, e sua mãe foi até a secretaria e apresentou a realidade que estava acontecendo, pois ela era conhecedora do direito do auxiliar para seu filho.

Por outro lado, também, estava a escola, sempre buscando formas de estar contribuindo com o desenvolvimento de Nilo. A supervisora pedagógica foi fundamental nesse processo, pois estava a toda hora do meu lado construindo formas para atendê-lo melhor, pesquisando e trazendo tarefas para que eu pudesse aplicar em sala de aula. Preocupada em está desenvolvendo projetos que Nilo pudesse ser inserido, pois como já citei, a inclusão vai além da criança estar em uma sala de aula. É preciso que a escola realmente esteja preocupada em criar oportunidades para que a criança participe, desenvolvendo suas habilidades, e não o tratar como um incapaz.

Os setores, administrativo e pedagógico, da Unidade de Educação Infantil, sempre se mostrou preocupada e ao mesmo tempo engajada nesse processo de buscar contate por formação para atender tanto a Nilo, quanto as demais crianças com Necessidade Educacionais Especiais. Palestras com psicólogos, cursos de formação continuada, além de sempre estar procurando conhecer o espectro para saber lidar cada dia mais com a criança.

Além dessa preocupação com o desenvolvimento de Nilo, uma coisa que podia notar na equipe da escola, era a parceria em estar ajudando a mim e a professora titular, o laço afetivo por parte de toda a escola com ele, desde a diretora, até a cozinheira. As outras professoras contribuindo também nesse processo. Tudo isso me fez ver o quanto o trabalho em equipe gera resultados positivos.

**Família, escola e o professor/estagiário: o resultado dessa parceria**

Atualmente há cada vez mais necessidade de uma boa relação entre família e escola, uma vez que ambas visam objetivos semelhantes e se complementam. A Constituição Federal nos mostra a necessidade dessa parceria em seu artigo 205, “A educação, direito de todos e dever do Estado e da família, será promovida e incentivada com a colaboração da sociedade, visando ao pleno desenvolvimento da pessoa, seu preparo para o exercício da cidadania e sua qualificação para o trabalho”. A citação nos leva a uma reflexão sobre a importância da família e escola caminhar uma ao lado da outra, pois cada uma exerce sua função contribuindo com o desenvolvimento da criança. A família não pode definir a escola como responsável pelo processo de inclusão do aluno, ela também tem que se fazer presente na luta, afinal é uma de suas funções definida pela lei.

Como podemos ver no decorrer de todo o texto através das narrativas, fica evidente o quanto é importante a parceria entre a família e a escola. Caminhar lado a lado nesse processo de inclusão é fundamental, pois cada uma atuando em seu devido papel pode alcançar os objetivos. Uma família participativa no processo de inclusão de seu filho, que busca conhecer seus direitos, sem nenhuma duvida estará contribuindo com o desenvolvimento da criança. Como podemos ver, a família citada tinha toda uma preparação para esta em parceria com a escola na luta pelos direitos de Nilo.

Já a escola contribuiu bastante no sentido de abrir suas portas para ouvir esses pais, de estar ao lado dos pais nesse processo querendo ou não chega a ser um pouco doloroso. O professor/estagiário trouxe contribuições em aceitar as dicas da mãe e em se posicionar em algumas situações, pensando no bem-estar da criança.

A participação da família nesse processo, em diálogo com a professora titular, eu (professor/estagiário) e a parte administrativa da UEI foi de grande importância, pois a parceria com todos os responsáveis por esse processo, cada um reconhecendo e cumprindo seu papel foi fundamental para o desenvolvimento de Nilo.

**Considerações Finais**

Este trabalho teve como objetivo registrar por meio das narrativas (auto)biográficas a parceria entre a família, a escola e o professor/estagiário no processo de inclusão de um aluno com autismo na rede pública de ensino com foco na importância para que a inclusão ocorro no sentido de garantir a efetivação dos direitos das pessoas com deficiência. Ou seja, mostrar a importância dessa relação para a inclusão da criança, os benefícios trazidos tanto para a crianças como para escola.

A família é umas das instituições sociais que desempenham uma função inigualável em nossas vidas, nela nascemos, recebemos amor, carinho, educação e somos incluídos em uma cultura. Nela também aprendemos princípios de moral e ética que nos guiarão e dirão muito sobre quem somos. Nossos pais responsáveis por nossa primeira educação e ainda no seio de nossa família adquiriram um conjunto de conhecimento dos quais serão aprofundados posteriormente. Porém o conceito e formato de família sofreram diversas transformações ao longo do tempo, hoje não temos um modelo único de família e sim diversos arranjos reconhecidos por lei.

A escola constitui outra instituição indispensável para nossas vidas. Nela além dos conteúdos curriculares exigidos, trabalhamos todo conhecimento trazido de casa. Na escola adquirimos conhecimentos dos mais variados segmentos, aprendemos a ser seres críticos, aptos a participar ativamente da sociedade.

Então, visto a importância e as atribuições de cada uma, torna-se necessário a relação efetiva entre os dois segmentos. A escola não caminha sozinha, deve dar espaço e promover meios para inserir a família em seu contexto. A família por sua vez não deve estar alheia à

escola e ao que lá acontece, deve se manter atenta, participando ativamente da vida escolar de seus filhos.

**Referências**

BRASIL. **Constituição da República Federativa do Brasil**. Brasília-DF: Senado Federal: Centro Gráfico, 1988. p. 292.

CATANI, Denice Barbara. VICENTINI, Paula Perin. **Formação e autoformação: saberes e práticas nas experiências dos professores são Paulo**, 2006.

CUNHA, Antônio. Eugênio**. Práticas pedagógicas para inclusão e diversidade.** 4. ed. Rio de Janeiro: Wak Editora, 2014.

JOSSO, Marie-Christine**. Experiências de vida e formação.** Lisboa:Educae, 2002, São Paulo: Cortez, 2004.

\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_. **Experiências de Vida e Formação**. São Paulo: Cortez, 2004.

1. Artigo Orientado pela Professora PhD Ana Lúcia Oliveira Aguiar [↑](#footnote-ref-1)
2. No decorrer do texto utilizo de nomes fictícios acerca de sujeitos que participaram das experiências destacadas no documento. A intenção é de resguardar suas identidades [↑](#footnote-ref-2)